

“O que eles querem é o meu silêncio”: Considerações em torno da narrativa de resistência de Edward Said

Jorge Augusto Balestero

(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

A partir das entrevistas do intelectual palestino Edward Wadie Said (1935-2003), concedidas ao fundador da *Alternative Radio*, o norte-americano David Barsamian, analisamos componentes dessa narrativa para explicitar, segundo um discurso marginalizado, determinado núcleo de resistência que vai além da presença física de um ativista, chegando às questões de memória do sujeito e do povo. Há, nesse engajamento, uma *persona* identificada e identificável por meio de um discurso saliente, que escapa pelas frestas da marginalização para proclamar uma possível última linha de resistência a uma situação trágica e em acontecimento ainda hoje.

Para compreender a intervenção intelectual que se transforma em discurso, devemos começar na origem da questão. Edward Said nasceu no lado britânico do Tratado de Jerusalém, cidade de conflitos históricos

que mantém supostos registros dos mais antigos ainda preservados. Já foi cidade de muitos impérios, desde os egípcios antigos até os persas e otomanos medievais. Foi tomada e dividida por vários países e impérios até meados da segunda Guerra Mundial. Parece que esse é seu fado. E atualmente é dominada com mãos de ferro pelo Estado de Israel – conforme acordo de resolução da ONU de 1947 (SAID, 2006, p. 198). Mas ocorre que a cidade continua dividida, clandestinamente, entre israelenses e palestinos, só que com a condição de clandestino tão somente para os últimos.

Segundo fomenta o intelectual, o estado de Israel simplesmente desrespeita a existência dos palestinos, transformando-os em indigentes, acabando mesmo com sua voz diante do mundo. Com um ponto de vista privilegiado sobre essa situação – se é que assim podemos lhe qualificar – Edward Said, nas suas entrevistas, como palestino ainda engajado na causa de seu povo, desenvolve uma linha de pensamento crítico acerca da opressão, colonização e silenciamento dos Palestinos por parte do governo de Israel, que é apoiado, por sua vez, pelo governo norte-americano, conforme demonstra o autor ao longo de todas suas falas.

Segundo Said, os palestinos que ocupavam a região cedida pela ONU, hoje, estão ilhados num estreito de terra situado entre o atual Estado de Israel e o Mar Mediterrâneo, lugar esse conhecido como Faixa de Gaza – numa situação semelhante a um Gueto de Varsóvia¹ atual, para onde os colonos israelenses destinam o que sobrou do povo palestino.

Como afirma Edward Said, “atualmente os palestinos constituem o maior número de refugiados privados dos direitos civis e ainda encontrados em campos de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial” (SAID, 2006, p. 102).

Diante desse cenário, a narrativa crítica desse palestino naturalizado americano se cristaliza como engajamento de um intelectual que faz parte, direta ou indiretamente, do povo que forma a causa pelo qual luta. Ele é e não é um refugiado. Não é porque saiu livremente de seu país, e é porque para não pode voltar como cidadão livre.

Em outro ponto de vista, devemos considerar que a grande

1 Neste ponto nos referimos à conhecida região da Polônia à qual os nazistas de Hitler direcionaram o povo Judeu, supostamente para ali habitarem, enquanto foram silenciosamente liquidados em câmaras de gás e outros meios de atrocidades. Ver BBC História, 1996

diferença do poder do discurso de Edward Said é o *locus enunciativo* que realça sua projeção, já que ele fala não da Palestina, ou do que sobrou da mesma – agora um território oprimido e marginalizado, sem conexões com o mundo globalizado, devido à “territorialização”² israelense –, mas fala dos próprios Estados Unidos da América, que, segundo o intelectual, são os grandes fomentadores políticos e armamentistas do estado de Israel³.

Atuando como uma fagulha de um fogo prestes a apagar, o intelectual palestino demarca uma fronteira narrativa para tentar reforçar essa chama, então às margens do jogo dialético dos E.U.A e de Israel. Ele fala pelo seu povo, oprimido, representados somente pelo seu testemunho. Como afirma David Barsamian, “durante muitos anos, [Edward Said] foi o principal porta-voz da causa palestina nos Estados Unidos” (BARSAMIAN, 2006, p. 11).

O ponto relevante é que, a infiltração do discurso do intelectual dentro da maior força que fomenta a destruição de seu povo, reforça, mais uma vez, sua narrativa como uma fonte riquíssima e revolucionária no âmbito das narrativas que margeiam o campo político na ordem testemunhal. Mas por outro lado, falar de um *locus* enunciativo poderoso como os Estados Unidos implica algumas questões de ordens e valores. Devemos levar em conta que, além do fomento político e armamentista dos Estados Unidos a Israel, existe toda uma dialética de proteção direcionada ao mesmo, supostamente em memória às vítimas do Holocausto na Segunda Guerra Mundial. E é, talvez, essa dialética da memória do Holocausto que ainda silencia um possível discurso a favor do fim da opressão ao povo palestino na Faixa de Gaza, por mais honesto e justificável que este discurso seja.

2 Este termo é utilizado por Edward Said em algumas de suas principais publicações, como nas entrevistas abordadas nesta análise, no livro *Orientalismo* (2007), e outros.

3 Segundo Edward Said: “Israel é o único Estado no mundo que recebe uma ajuda militar e econômica dos Estados Unidos, no momento, de aproximadamente 135 bilhões de dólares [...] A política americana tem realmente colocado em evidência a defesa e o apoio de Israel em todos os seus empreendimentos. Os Estados Unidos têm vetado resoluções do conselho da ONU para impedir censuras a Israel em casos de flagrantes violações do direito internacional, que vão desde a tortura e o uso de helicópteros e mísseis contra civis a assentamentos e anexações ilegais. [...] O que quer dizer, garantir que um povo oprimido e subordinado seja mantido cativo em sua dependência para o proveito e, em alguns casos, a conveniência dos ocupantes” (SAID, 2006, p. 45-46-47).

A voz do intelectual se move nesse apertado e arriscado emaranhado. O governo americano, usando da sensibilidade e desinformação do povo, consegue facilmente apoio para uma causa hedionda, que já se passou na opressão dos judeus na Segunda Guerra Mundial. Enquanto isso, o governo de Israel age oportunamente sobre esse fomento americano para expandir seus territórios, e destituindo os palestinos de suas terras de lei. Portanto, é na narrativa retórica do Holocausto que mais se silencia a narrativa de resistência dos palestinos atualmente.

Assim, partindo desse problema, que é a questão do fomento norte-americano ao governo de Israel e o problema da memória do Holocausto em contra de uma solução para o crescente extermínio do povo palestino pelo exército de ocupação israelense, procuramos atualizar as percepções da real situação que predomina na região mais tensa do Oriente Médio, senão do mundo, dividida entre israelenses e palestinos e em constante guerra. Salientamos que essa atualização será enfocada pelo testemunho ocular e intelectual do renomado intelectual palestino Edward Said⁴.

Dois povos e um mesmo Estado?

O discurso político oficial do Estado de Israel, segundo Said, é de que há uma invasão palestina nos territórios a eles concedidos por resolução da ONU de 1947. Por essa “constatação”, o governo israelense dispõe do que ele chama de “Força de Defesa Israelense”⁵, que é o direcionamento de suas forças militares – com apoio financeiro e tecnológico dos Estados Unidos – para preservação do processo de

4 Outro renomado escritor, Terry Eagleton, em seu livro *Depois da teoria* (2005), apontou o que ele chamou de “a idade do ouro da teoria cultural” (EAGLETON, 2005, p. 13), estando entre eles Claude Levi-Strauss, Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Derrida, Friedrich Jameson e Edward Said.

5 “Evidentemente o exército israelense é chamado de Força de Defesa Israelense. A política tem sido a de que o exército israelense é defensivo. Quando na verdade, de forma enganosa, a mídia o apresenta como se ele defendesse Israel dos palestinos, que na verdade atiram pedras. [...] Têm sido pedras atiradas por jovens contra mísseis, jatos, helicópteros artilhados, tanques e foguetes israelenses. [...] Os palestinos resistem a uma ocupação militar prolongada pelos israelenses, e assim como todas as tropas coloniais fizeram, seja na Argélia, no Vietnã ou na Índia, a população civil paga o preço da resistência” (SAID, 2006, p.44).

colonização das supostas terras concedidas pelo tratado da ONU.

Mas por trás dessa ação supostamente defensiva, que é duvidosamente respeitosa aos direitos humanos, acarreta o peso que se sobrepôs aos países potências por não terem tomado as medidas necessárias de prevenção, que resultou no extermínio em massa de judeus na Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, subentende-se que os Judeus, hoje representados pelo Estado de Israel, já foram demasiadamente punidos, humilhados, além de expulsos de outros países, especialmente após a expansão nazista dos projetos de Adolf Hitler. E temendo novamente receberem essa “culpa” – essa é a justificativa mais casual, segundo Said –, as grandes potências, encabeçadas pelos Estados Unidos e contando com vários países da Europa e Ásia como membros de consenso de opinião, não efetuam qualquer punição aos atos militares e políticos que o Estado de Israel adota hoje, colonizando indiscriminadamente desde as terras concedidas pela ONU em 1947, até uma grande extensão de terra antes pertencente ao povo palestino. O que o intelectual se engaja em mostrar para o mundo é que, por trás dessa retórica não há apenas culpa; há manipulação de interesses, principalmente pelo governo dos Estados Unidos da América.

Devido a esse processo de interesses, o povo palestino, hoje, é um povo indigente, composto basicamente por refugiados nos campos de refugiados, ou asilados políticos, ou marginalizados sitiados na Faixa de Gaza, sobre opressão constante do exército Israelense. Os E.U.A. fomentam essa invasão porque nas terras do Oriente Médio há petróleo e outras riquezas, e isso lhes interessa. Ter a hegemonia bélica por parte de Israel nessas terras é oportuno para o maior inversionista de recursos dessa empreitada.

Nesse cenário, Edward Said não apenas apresenta a opinião de intelectual respeitado, indo a favor da causa palestina, mas é ele próprio uma voz palestina em ação contra essa poderosa forma de opressão. Suas entrevistas a David Barsamian, assim como seus outros trabalhos, tais como palestras sobre a Memória Palestina por universidades e congressos filantrópicos ao redor de todo o mundo⁶, formam um legítimo

6 Edward Said afirma: “As palestras que dou nesse momento sempre destacam a importância da memória para a experiência palestina. Não uma memória organizada, por que não temos um Estado e nem uma autoridade central organizada. [...] A memória é um poderoso instrumento coletivo para se preservar a identidade. E é algo que pode ser transmitido não só

discurso de testemunho, ainda melhor aplicado, por constituir-se de uma reflexão e reação intelectual, que em sua essência prevê e defende o fim do conflito nesse país de dois povos⁷ seguindo soluções humanitárias e justas para todos.

Muito da opinião de Edward Said nos leva a refletir sobre uma pergunta que o filósofo italiano Giorgio Agamben fez como título de um importante trabalho de investigação e divulgação dos fatos do Holocausto. A pergunta era: “O que resta de Auschwitz⁸?”.

Hoje, considerando que o processo de criação do Estado de Israel provém de uma forma de compensação dos países aliados da ONU para com os sobreviventes e descendentes das vítimas do Holocausto, devemos estigmatizar, para efeito de análise, que o processo de colonização de Israel em terras palestinas, desvendado de seu discurso protecionista e retórico, é nada mais que um ultraje político, geográfico e humano de massacre, que se repete como várias vezes na história da humanidade dita “civilizada”. No que restou para o povo palestino de suas terras, que é a Faixa de Gaza, uma Auschwitz⁹ silenciosa, um campo de concentração hediondo e intolerante se forma e se sustenta no silêncio e marginalização dos colonizados palestinos, no silenciamento de sua opinião como povo. Só o que muda da segunda Guerra Mundial para cá é que agora são os próprios judeus, protegidos por um discurso de opressão do século passado, que executam a continuidade desse projeto inumano em pleno século XXI, assassinando e negligenciando palestinos em suas próprias terras como ratos caçados por gatos.

Nessa última metáfora vale-nos enredar na discussão o *best*

por meio de livros e narrativas oficiais, mas também por meio da memória informal. É uma das principais defesas contra um apagamento histórico. É um meio de resistência” (SAID, 2006, p. 184).

7 Edward Said afirma: “O preeminente agora é o fim da ocupação militar. A realidade no local, de fato, confirma o que tenho dito. Os palestinos e israelenses estão tão integrados, o território é tão pequeno que você não pode ter uma situação em que uma população

8 Auschwitz é uma cidade cujo nome designa um dos maiores campos de concentração para extermínio em massa do povo Judeu durante a ocupação nazista da Polônia na segunda Guerra Mundial. Ver BBC História, 1996.

9 Auschwitz foi a região polonesa dominada pela Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial onde funcionou o maior dos campos de concentração para extermínio dos judeus, conforme consta em inúmeros relatos históricos.

seller de literatura em HQ, *Maus* (2005), do escritor norte-americano Art Spiegelman, que retrata os campos de concentração nazistas, no qual figura os nazistas como gatos e os judeus como ratos, porém, tem-se os norte-americanos como cães que caçam os gatos.

Essa sua visão do que aconteceu na Segunda Guerra Mundial foi considerada original e altamente fidedigna à realidade dos campos de concentração pelos críticos. Partindo da visão de Art Spiegelman, hoje vemos em Israel a continuidade de tal absurdo humano, e utilizando a metáfora da cadeia alimentar, agora são os judeus como gatos caçando os ratos que são os palestinos. Porém, onde estão os cães desta história?

Logo, para tentar responder à questão de Agamben trazida para o debate em foco, se tomarmos como exemplo o caso da Faixa de Gaza, o que resta de Auschwitz é um ódio entre etnias culturais e religiosas que se apresenta nas atitudes do governo do Estado de Israel contra o povo palestino. O que vemos é a repetição de fatos, uma negligente estratégia de expulsão total dos palestinos por parte dos judeus colonizadores, em prol de uma homogeneidade racial para as terras dominadas. Seria isso, portanto, a herança de uma industrialização do silêncio e do medo, outrora empregada pelos nazistas no extermínio dos Judeus em prol da eugenia, e agora empregada pelo governo de Israel em prol do sionismo colonizador?

Como relata Edward Said, a opressão é tamanha e descarada que “os israelenses criaram mudanças demográficas radicais que impossibilitam os palestinos de se deslocar de uma área para outra, do norte para o sul e do leste para o oeste” (SAID, 2006, p. 49). Ou seja, os palestinos estão exilados e concentrados numa área de opressão militar, sem nenhuma chance de resistência. E as Nações Unidas – encabeçadas pelos E.U.A. – apenas assistem imparciais. Mas essa manipulação já está sendo notada. Como frisa Edward Said:

Com o tempo, cada vez mais pessoas estão reconhecendo que as ações de Israel não podem ser justificadas em nome de referências frequentes ao Holocausto. [...] Isto não tem nada a ver com o Holocausto. [...] Os israelenses estão acumulando um ressentimento e até mesmo um ódio contra [os palestinos] que vai durar gerações. A política deles tem uma visão muito limitada. Eles não podem presumir que os Estados Unidos vão apoiá-los para sempre. E que o que resta do mundo vai deixá-los burlar o

direito internacional e as resoluções da ONU. Em algum momento eles vão ter que prestar contas (SAID, 2006, p. 149-150).

Nessa conclusão do intelectual, temos a possibilidade de acentuar que, realmente, no caso da causa palestina e do Estado de Israel, existem dois povos em um mesmo Estado, mas, como afirma Said, “o envolvimento de um com o outro, principalmente devido à agressividade com que os israelenses entraram no território palestino, e desde o começo terem invadido o espaço palestino” (SAID, 2006, p. 19) faz com que o povo israelense esteja num “estado de colonização”, de conforto e conquista, enquanto que o povo palestino se encontra num “estado de aniquilação”, de opressão e silenciamento. Estes são dois “estados” completamente opostos para dois povos que ocupam um mesmo Estado nacional. E é nesse ponto que margeia a narrativa de resistência de Edward Said.

Há solução para um Estado binacional?

Edward Said abre as entrevistas no livro *Cultura e Resistência* com uma proposta já resolvida, mas quase inalcançável. Para ele, há sim solução para um Estado binacional. E afirma: “Não acredito que seja apenas a minha crítica, mas muita gente agora enxerga a realidade” (SAID, 2006, p. 17). Acontece que agora o bloqueio está mais no discurso palestino quase dizimado. Como ele afirma:

Há um tipo de censura [mesmo] aqui nos Estados Unidos, na qual você é marginalizado. Você não pode aparecer na grande mídia. [...] Quando recebi um pedido para escrever um artigo para a *New York Magazine* sobre minha ideia de uma solução, um Estado binacional, para palestinos e israelenses, foi alguém que leu algo na internet. E o editor me ligou (SAID, 2006, p. 17-18).

Percebemos que a situação se bifurca num novo tipo de ditadura, além da política e territorial, que é a da opinião. Há uma política de evacuação e extermínio em massa de um povo acontecendo na palestina,

e a maior potência do mundo silencia a todos por interesses financeiros e políticos. Isso resulta, segundo Edward Said:

Porque muito da nossa história [dos Palestinos] tem sido ocultada. Somos um povo invisível. A força e o poder da narrativa Israelense são tais que ela depende quase exclusivamente de um tipo de visão heroica de pioneiros que vêm para um deserto e no final tem que lidar não só com os nativos no sentido de que esse é um povo que tem uma existência estabelecida e vivia em cidades e vilas e tinha sua própria sociedade, mas de preferência como nômades que poderiam ser afugentados (SAID, 2006, p. 34).

344

Nota-se, assim, que para manter a opressão bélica, territorial e política sobre os palestinos, os colonos israelenses usam como escudo uma narrativa, fortalecida pelo poderio norte americano, de judeus como vítimas, que foram expulsos e massacrados negligentemente no passado, e que depois se tornaram heróis e conquistaram honrosamente de volta suas terras ancestrais, quando na verdade, eles são vítimas sim, mas não são heróis, pois massacram seu próprio povo, distinguindo e discriminando palestinos e judeus, tal como os alemães fizeram com seus ancestrais judeu-alemães na Segunda Guerra Mundial. A diferença é que judeus e palestinos são dois povos irmãos, mesmo na crença religiosa e na promessa de uma “terra santa” para se viver; são israelenses.

Nesse sentido, a resolução para o impasse parece mais longe de se resolver do que se propõe nos supostos “tratados de paz” da ONU. Edward Said diz que, para efetiva solução da causa,

Não é possível entender o que está acontecendo hoje e a situação dos palestinos sem entender o que aconteceu em 1948. Uma sociedade construída principalmente por árabes na Palestina foi erradicada e destruída. Uma população árabe de oitocentas mil pessoas foi expulsa intencionalmente. Os arquivos sionistas são muito claros e muitos historiadores israelenses têm escrito sobre isso (SAID, 2006, p. 41).

Portanto, para o intelectual, “entender tudo isso não é tolerar o que houve” (SAID, 2006, p. 111). E, claro, pode haver “esperança

numa sociedade civil através de igrejas, universidades, lugares onde há uma liberdade relativa para se discutir” (SAID, 2006, p. 155). Mas antes disso é preciso, também, “mobilizar a comunidade de defensores nesse país (E.U.A.), na qual existem muitos, a favor do direito dos palestinos e do caminho verdadeiro em direção ao processo de paz e reconciliação entre palestinos, árabes em geral, e israelenses” (SAID, 2006, p. 70).

Como resposta à possível solução de um Estado binacional entre israelenses e palestinos, Edward Said conclui que: “mais pessoas da geração depois da minha estão começando a se conscientizar disso. Essa é a única esperança de mudança. Não acho que isso possa vir dos golpes ou mudanças de regime do tipo que a administração Bush fala a respeito” (SAID, 2006, p. 155).

345

Fica clara a posição sócio-política da situação de Israel e dos palestinos por meio da narrativa de Edward Said. Há um povo se sobrepondo a outro por meio de incentivos que vem de interesses políticos e financeiros, e se estendem até a memória e a cultura. E com isso fica também mais uma lacuna aberta para o entendimento desse processo de libertação e solução de um Estado binacional. Já que o poderio colonizador é determinista, onde se situa o discurso palestino de resistência?

Onde os fracos não tem vez

Nesse ponto a situação é a seguinte: sabendo que os israelenses possuem uma narrativa propriamente forte, a pergunta que nos cabe é: os palestinos produziram uma narrativa de testemunho suficiente para suplantar e resistir à opressão colonizadora de Israel, e assim contar sua história ao mundo?

Edward Said responde que não houve essa possibilidade de registro para o povo palestino,

[...] simplesmente porque o peso do poder israelense é tão grande que os palestinos não têm chance nenhuma. Não há nenhuma organização. [...] Mas no sentido de que há uma narrativa, de que existem mapas que mostrem o

que está em jogo é uma ocupação militar e colonizadora contra a liberação, nada disso está facilmente disponível (SAID, 2006, p. 78).

E o resultado disso, segundo o intelectual: “é que a imagem da Palestina e dos palestinos que circula no imaginário popular é muito limitada. Felizmente existem fontes alternativas. O *Alternative Radio* [...] é obviamente uma delas” (SAID, 2006, p.69). Mas não existe muito mais. O discurso intelectual de Edward Said nos parece ser uma das poucas chances para esse povo marginalizado ser ouvido no mundo. Mas o intelectual, apesar do reconhecimento que possui, não tem força sozinho contra o avassalador discurso sionista, fomentado principalmente pela sociedade norte-americana que, por sua vez, não compactua das ações do governo.

346

Portanto, há novamente um empasse no caso. Faz-se necessária uma voz para que os palestinos – que não possuem chance de eles próprios se narrarem para o mundo – se projetem e alcancem um apoio global para sua causa. Edward Said, como palestino que é, e como intelectual em prol de uma causa certamente impopular, tenta cristalizar as vozes do seu povo e projetar um discurso agudo para o mundo, aqui mostrado por meio de suas entrevistas. Mas isso não parece ser o que querem os governos norte-americano e israelense, como vemos no tópico a seguir.

“O que eles querem é o meu silêncio”

Para Edward Said, as propostas de processos de paz realizadas tanto por Israel, pela ONU, ou pelos Estados Unidos, se mostraram um fracasso. Para ele, a situação da Palestina “está estagnada”. E afirma: “não acho que há alguma direção clara, exceto que em ambos os lados há um retorno às posições mais antigas, quase primordiais, os palestinos resistem o máximo que podem para ficar lá, e os israelenses tentam expulsá-los” (SAID, 2006, p. 77).

Nessa condição, mostram-se incapazes as resoluções da ONU. Mostram-se impassíveis as propostas dos Estados Unidos. E mostram-se intolerantes e ultrajantes as ações e políticas adotadas pelo Estado de Israel contra o povo palestino. Para Edward Said, “o que os israelenses

querem é o *status quo* sem a resistência palestina, e o que os palestinos querem é, oficialmente, pelo menos, a continuação das negociações até o momento alcançadas [...] Mas o que o povo quer mesmo é o fim da ocupação israelense” (SAID, 2006, p. 77-78).

O intelectual reitera seu discurso, e afirma que nesse meio tempo os palestinos, infelizmente, ainda não se conscientizaram de que o que precisam “é de uma campanha organizada” (SAID, 2006, p. 81). E continua:

Existe uma grande comunidade palestina exilada que não foi mobilizada. Existem muitos recursos na Palestina, no mundo árabe, ainda não mobilizados. Ainda estamos num nível bem primitivo de disputa, sobre quem vai liderar o quê. Ainda estamos sob o domínio de uma tirânica e, na minha opinião, neste ponto, imprestável, Autoridade Palestina que quer tentar controlar a informação de forma a se manter no poder e voltar a negociações que ninguém quer. Certamente a maioria dos palestinos não quer voltar a negociações para um acordo interino que dê aos israelenses o direito de continuar os assentamentos, que têm aumentado muito progressivamente [...] (SAID, 2006, p. 81).

O que o governo sionista do Estado de Israel intenta, amplamente amparado pelas políticas financeiras e armamentistas dos Estados Unidos, além da manipulação interna da própria Autoridade Palestina, é o silenciamento por completo da voz desse povo, e Said é seu maior foco de resistência. A opressão física acontece, principalmente, na Faixa de Gaza. Edward Said não está fisicamente lá. Mas seus propósitos, suas ligações e seu engajamento intelectual, nesse momento de sua vida, se encontram por completo na causa palestina. E seu discurso também é como uma “Faixa de Gaza”, situado entre os discursos protecionistas israelenses e americanos. E ele afirma:

Portanto essa é a continuação de uma política que tem sido incessantemente ativa em oprimir e dominar os palestinos com métodos que superam de longe qualquer coisa que já tenha sido feita na África do Sul durante o *apartheid*. Isso precisa ser apontado, e ainda não foi porque a liderança palestina e muitos membros da elite ainda acreditam que a forma de se conseguir isso é tentar conseguir a atenção da administração americana, que é negligente. [...] Não

há como superestimar a pressão que todos os palestinos sentem. Aqui estamos nós, sendo mortos por um inimigo sem piedade, e tudo o que temos em nossa defesa são jovens atirando pedras em tanques, mísseis e helicópteros de artilharia. Essa é praticamente a realidade (SAID, 2006, p. 81-82).

Ocorre que Said traz consigo uma bagagem intelectual, e, principalmente, uma bagagem humana, que implica questões de direitos humanos, hereditariedade, sentimento nacional, e mais uma porção de fatores que pesam em seu discurso enfático, emocionado e direto contra a opressão, que por isso, muitas vezes, é negligenciado e marginalizado pelas elites governamentais norte-americanas que dominam todo esse cenário por trás dos bastidores.

No entanto, a cada dia o silêncio de Edward Said fala também, e fala muito mais alto. O entrevistador David Barsamian comenta sobre as críticas dos grandes proprietários da mídia americana direcionadas a Edward Said, e pergunta qual é sua posição em relação a esse fato. Ele responde:

Não reajo. É uma perda de tempo total. São propagandistas que têm um ódio racista dos palestinos, dos árabes e dos mulçumanos, isso parece irremediável. [...] Mas] fico lisonjeado que pensem que sou importante o suficiente para continuar me atacando. O resultado disso é que as pessoas passam a se interessar mais pelo meu trabalho e meus livros. Essa é a forma que reajo a eles, produzindo ainda mais (SAID, 2006, p. 88).

Said difunde uma narrativa que é marginalizada pelos sistemas que “administram” a situação, mas a sua voz tem força própria, que já se enraíza no conhecimento dos cidadãos de bem pelo mundo. E sobre os governos, ele conclui: “Acho que o que eles querem é o meu silêncio. A não ser que eu morra, isso não vai acontecer” (SAID, 2006, p. 88).

O testemunho como esperança de mudança

Ironicamente, Edward Said faleceu no ano de 2003, em Nova York, vítima de uma luta de dez anos contra a leucemia, que se deu sob a apreensão de muitos ao redor do mundo e o sofrimento, principalmente, do povo palestino. Seu engajamento ativista chegou ao fim, mas sua voz não silenciou. Aos sessenta e sete anos de idade, e mais de cinquenta anos de luta por uma causa marginalizada, o intelectual palestino mais importante da contemporaneidade enfim se cala, mas deixa de pé sua obra crítica. O silêncio de sua voz militante veio enfim como queriam os governantes intolerantes do Estado de Israel e dos Estados Unidos. Mas sua narrativa se mantém ativa, coerente e aplicável em prol da memória do povo palestino.

349

Edward Said não tinha necessidade de comprar essa briga. Era de uma família de classe alta. Logo que se fundou o Estado de Israel, em 1947, mudou-se com sua família para o Egito. Viveu uma vida de profunda aquisição de conhecimentos, frequentando as melhores escolas árabes, de Jerusalém ao Cairo, incluindo Alexandria. Mudou-se para os Estados Unidos da América, onde se naturalizou, e foi professor na renomada Universidade de Colúmbia. Tinha tudo para viver sua vida confortavelmente, sem problemas alheios. Mas foi sensível e viu seu povo, que ficou para trás, pobre, oprimido, sem chance diante de um duplo monstro militar avassalador. Ele não hesitou em tomar partido nesta causa. Como epígrafe do livro *Cultura e Resistência*, o entrevistador David Barsamian registra a fala que se tornou lema da luta de Edward Said: “Fui incapaz de viver uma vida não comprometida ou em suspensão: não hesitei em tomar partido em uma causa extremamente impopular” (*apud* BARSAMIAN, 2006, p. 11).

O intelectual trabalhou em sua narrativa essencialmente por meio da memória palestina. Como afirma Márcio Seligmann-Silva, “o testemunho se coloca desde o início sobre o signo da simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 40).

Por isso, por meio da memória cultural incorporada em suas falas, Edward Said traçou possibilidades de acordos de paz e fomentou a subjetividade como resistência para seu povo diante do massacre bélico

e narrativo do governo de Israel. Fomentou uma possível terceira força para as negociações de paz, que, segundo ele, tanto o lado Israelense quanto a Autoridade Palestina se mostraram incapazes.

A memória de seu povo foi sua arma nessa luta. Pois como assinala a estudiosa Beatriz Sarlo, ao falar da memória pós-guerra, “a memória é um bem comum, um dever (como se disse no caso europeu) e uma necessidade jurídica, moral e política” (SARLO, 2007, p. 47).

Nesse sentido, Edward Said propôs uma compreensão mais aberta do fato que realmente ocorre entre israelenses e palestinos em Israel e na Faixa de Gaza. Propôs que o povo Judeu não é totalmente a favor do Governo de Israel¹⁰, assim como também não o é o povo dos Estados Unidos da América. “Tudo isso é um registro que vai se acumulando numa área na qual – e aqui chegamos agora à parte realmente triste – os governantes têm sido apoiados pelos Estados Unidos contra a vontade do povo” (SAID, 2006, p. 109).

Hoje, a voz de Edward Said silenciou-se, mas sua narrativa apenas começou a irradiar sua coerência e projetar a narrativa de seu povo para o mundo. Seu posicionamento está falando, agora, ainda mais alto. Suas propostas e sua visão humanitária do povo palestino deixam um legado de vida, deixam um “não” contra o silenciamento da memória de um povo imposto por governos autoritários e intolerantes, e deixa, principalmente, o registro fidedigno e de altíssima qualidade de detalhes para as gerações vindouras.

A partir de agora é na memória do registro discursivo de Edward Said que se encontra a esperança de que o mundo tome parte dessa causa “extremamente impopular” do povo palestino, e, quem sabe, ajudem a fortalecer essa narrativa, tirando-a da marginalização política, para enfim romper o silêncio tirânico do dito mundo globalizado.

10 Por isso sempre nos direcionávamos neste trabalho à opressão do Governo de Israel ao povo palestino, e não exatamente opressão do povo de Israel ao povo palestino.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEM, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BARSAMIAN, David. Introdução. In: SAID, Edward W. *Cultura e Resistência* – Edward Said. Entrevistas do intelectual palestino a David Barsamian. Tradução de Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BBC História. Série Grandes Acontecimentos da Humanidade. *Nazismo: o terror sem disfarces*. São Paulo: Ano 1, edição n. 1, 1996.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SAID, Edward W. *Cultura e Resistência* – Edward Said. Entrevistas do intelectual palestino a David Barsamian. Trad. de Barbara Duarte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de Testemunho. In: Revista *Cult*, julho de 1999, p. 39-51.

SPIELGMAN, Art. *MAUS*. Tradução de Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.